Voltas e reviravoltas de Donald Trump

É a primeira declaração de Trump contra a Rússia e no sentido do interesse da Ucrânia e da segurança europeia. A questão é saber se a mudança de retórica tem tradução na política externa americana.

Nuno Severiano Teixeira, *Público*, 01 de Outubro de 2025

Trump já disse tudo e o seu contrário. Sobre as tarifas, a Rússia e a Ucrânia. Mas desta vez a reviravolta foi de 180 graus. Em Fevereiro, humilhou Zelensky na Casa Branca.

Disse-lhe que estava a jogar com a vida de milhões de pessoas e que estava a jogar à III Guerra Mundial. Estava a jogar, mas não tinha as "cartas", e não tinha outra alternativa senão negociar e ceder território.

Com Putin foi diferente. Tratou-o sempre como um igual e, mais do que isso, como um amigo. Foi com ele que definiu primeiro, sem a Ucrânia e sem a Europa, o que pensava serem os termos da paz. Não poupou elogios a Putin e, em Agosto, recebeu-o, ainda, de passadeira vermelha no Alasca.

Agora, ridiculariza as forças armadas russas, e diz que a Rússia combate há três anos uma guerra sem objectivo, que não consegue vencer. Está metida num enorme "sarilho" económico e parece-se menos com uma potência militar do que com "um tigre de papel". Mas diz mais: diz que a Ucrânia, com o apoio da União Europeia e da NATO, está em condições de combater e "ganhar de volta todo o seu território na sua forma original".

Não sabemos se Trump se referia à forma original antes da invasão da Ucrânia ou antes da anexação da Crimeia. Mas que é uma mudança radical na sua percepção da correlação de forças, não há dúvida. Como dúvida não há de que é a primeira vez que uma declaração sua vai abertamente contra a Rússia e no sentido do interesse da Ucrânia, e da segurança europeia.

Foi recebida no Ocidente com um misto de alívio e suspeição. Mas a verdade é que a declaração é de uma enorme ambiguidade estratégica, e a questão é saber se a mudança do discurso tem algum significado político. Isto é, se a mudança da retórica política tem alguma tradução na política externa americana.

Ora, nas declarações na Assembleia Geral das Nações Unidas, como no *post* na rede social de Trump, nada indicia uma mudança da política americana sobre a guerra da Ucrânia. Primeiro, Trump diz que a Ucrânia pode ganhar e recuperar território, mas nunca fala de apoio americano: nem armas, nem *intelligence*, nem sequer dinheiro. Segundo, diz que a Rússia é um "tigre de papel", está num "sarilho" económico, mas nunca fala em sanções à Rússia. E só encara uma tal possibilidade

sob difíceis condições: se e quando os europeus deixarem de comprar, totalmente, petróleo e gás a Moscovo.

Que, segundo diz, e com razão, continua a financiar o esforço de guerra russo. Ou imponham mais tarifas à China, o que parece improvável.

Finalmente, Trump diz que o apoio à Ucrânia é responsabilidade da União Europeia e da NATO. Mas, claro, com armas compradas aos Estados Unidos. Até aqui, nada de novo.

Mas se a mudança retórica não é acompanhada de uma mudança política, o que pode explicar uma tal reviravolta? Esconde uma estratégia política ou revela um capricho pessoal?

Receio bem que a explicação seja menos do domínio da política internacional do que da patologia psicológica. Trump não esconde que procura desesperadamente o Nobel da Paz. Primeiro, pensou que o *bullying* diplomático dobrava Zelensky. Depois, que o elogio político domesticava Putin. E que isso os conduziria à mesa das negociações. Já se tinha enganado com o primeiro. Percebeu agora que também se enganou com o segundo.

Putin vai-lhe dizendo que sim e, ao mesmo tempo, adiando o cessar-fogo e as negociações de paz. Usa a estratégia da dilação e, ao mesmo tempo, a táctica do bombardeamento. Foi isso que Trump, finalmente, percebeu. Que está a ser enganado, o que o seu ego não suporta. A verdade é que para Putin ou para Zelensky o Nobel não é um objectivo. E para Trump, o tempo do prémio começa a esgotar-se.

Para os europeus as voltas e reviravoltas de Trump devem merecer duas lições: a primeira é que, para a *America First,* a Ucrânia não é uma prioridade, mas para a Europa é a prioridade das prioridades; a segunda é que o importante não é o que Trump diz, mas sim o que Trump faz. Porque se agora a reviravolta foi de 180 graus e favoreceu a Ucrânia, quem nos garante que não virá uma outra reviravolta de 180 graus, e que os 360º não o fazem regressar à posição inicial, que favorece a Rússia?

https://www.publico.pt/2025/10/01/opiniao/opiniao/voltas-reviravoltas-donald-trump-2149112